

PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO DESENVOLVIMENTO SIMBÓLICO NO AUTISMO INFANTIL

A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE ON SYMBOLIC DEVELOPMENT IN CHILDHOOD AUTISM

¹LOURENÇO, Gabriela Oliviera; ²KOBORI, Eduardo Toshio

^{1e2}Departamento de Psicologia - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM

RESUMO

O artigo buscou discutir a constituição psíquica da criança com autismo atentando-se, além da soma de sintomas, o que permeia a formação de si, a relação com o outro, com os objetos e a exploração do mundo externo. Sustentada sob referencial teórico psicanalítico, a investigação valeu-se do método de revisão de literatura de caráter qualitativo para compreensão do que estaria ainda latente sobre o fenômeno. Em vista disso, o escopo investigativo contemplou primeiramente como os objetos autísticos apresentam impasses no processo de desenvolvimento simbólico, pois interfere nas brincadeiras e desenhos, nos quais ficam evidentes as dificuldades imaginativas. Ademais, em última análise, percebeu-se que, embora tais objetos desviem a dor e sensações de aniquilamento, eles são de natureza patológica. Diante disso, foi possível interpelar como o desenvolvimento simbólico pode ser auxiliado por estratégias psicoterapêuticas que conduzam, a partir do repertório simbólico já adquirido pelas crianças com autismo, construir formas de realocar sua dimensão subjetiva. Constatou-se, dessa forma, que a psicanálise possibilita novas formas do sujeito se relacionar com afetos de angústias e emoções subjetivas, intrínsecos ao quadro.

Palavras-chave: Autismo; Psicanálise; Transtorno do Espectro Autista (TEA).

ABSTRACT

The article aimed to examine the psychic constitution of children with autism, considering not only the symptoms themselves but also the underlying processes that shape the formation of the self, the relationship with others, with objects, and the exploration of the external world. Guided by a psychoanalytic theoretical framework, the investigation employed a qualitative literature review method to elucidate the underlying aspects of the phenomenon that remained obscure. In light of these considerations, the investigative scope initially addressed the manner in which autistic objects impede the process of symbolic development, as evidenced by their interference in games and drawings. Moreover, in the final analysis, it became evident that although these objects serve to divert pain and sensations of annihilation, they are pathological in nature. Considering these findings, it became evident that psychotherapeutic strategies could be employed to facilitate symbolic development in children with autism by capitalizing on their existing symbolic repertoire. This approach enables the subject to navigate their emotional landscape, including the anguish and subjective emotions that are intrinsic to the condition.

Keywords: Autism; Psychoanalysis; Autism Spectrum Disorder (ASD).

INTRODUÇÃO

Embora não haja exames diagnósticos para identificar o autismo infantil e nem um consenso sobre sua etiologia, são muitas as classificações e reformulações que o definem. Desse modo, critérios como: sintomas, avaliação das linhas de

¹Graduanda do curso de psicologia Unifio – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

desenvolvimento envolvidas, exames complementares que propiciem compreensões intersubjetivas (fonoaudiologia, avaliações psicomotoras, neurológicas e pediátricas), são entendidos como pontos de partida para determinar o quadro. Nesse aspecto, é comum constatá-lo na primeira infância com base em três características: dificuldades de interações sociais, falhas na comunicação e comportamentos estereotipados, restritos ou repetitivos. Sendo assim, hábitos estereotipados, movimentos rotacionais de objetos, resistência a contatos corporais, além de hiperatividade e o apego demasiado a objetos específicos marcam o quadro (Marcelli; Cohen, 2010). A assertiva também é afirmada por Pimenta *et al.* (2016), que entendem o autismo como manifestação de episódios psicomotores, recolhimento, euforia, alterações emocionais e repetição involuntária de frases ou palavras, as quais se manifestam como medidas protetoras á ameaças externas. Contudo, observa-se que a angústia inominável apresenta sensação de não identidade e um estranhamento nutrido por ausência de realidade concreta. Como consequência, diante da ausência de realidade concreta, nota-se dificuldade de simbolização, bem como desenvolvimento de atividades lúdicas como impasse no desenvolvimento psíquico.

Constata-se que para cada cem crianças no mundo, uma recebe o diagnóstico, porém, o dado não abrange países de baixa e média renda, o que pode revelar números ainda mais expressivos (World Health Organization - WHO, 2023). Sob esse viés, perante indagações sobre sua origem, desenvolvimento e as razões do aumento significativo de diagnósticos de crianças com autismo na atualidade, este trabalho se propõe a discutir o que permeia sua constituição psíquica. Indaga-se, enquanto hipótese investigativa, se o desenvolvimento simbólico pode ser facilitado por estratégias e construções analíticas que viabilizam a inserção dessas crianças em distintos espaços, sem alterar sua subjetividade. Antes, almejar-se suscitar, para além do debate acadêmico e na sociedade, formas de promoção de qualidade de vida sem estabelecer limites ou rótulos (Ferreira; Vorcaro, 2017). Fundamentado sob referencial teórico psicanalítico, a investigação e interpretação sobre a relação simbólica que a criança estabelece com os objetos e com o mundo externo transcorre sobre as idiossincrasias, desenvolvimento psíquico e a capacidade de simbolização, sobretudo o apego a objetos e as manifestações comportamentais, no que concernem a constituição subjetiva (Marfinati; Abrão, 2021; Zimmerman, 1999). Diante disso, foi realizado um rastreamento histórico como ponto de partida para compreensão do quadro, para então levantar uma discussão no escopo investigativo sobre as

possibilidades de inserção simbólica mediante estratégias que realoquem a dimensão subjetiva da criança com autismo.

Portanto, justifica-se este ensaio em virtude de os critérios de classificação de sintomas não se apresentarem suficientes para compreender o quadro e o sujeito em sua totalidade. Tal pressuposto é certificado por Maleval (2017) ao pontuar que o fenômeno não pode ser entendido enquanto patologia pela soma de sintomas, ou estabelecido apenas pela origem orgânica ou psicogênica, segundo Tavares (2019); antes, devem ser consideradas a história, seu desenvolvimento biopsicossocial, os sintomas, outras patologias associadas, suas formas de se relacionar com o mundo e potencialidades de inserção de elementos simbólicos em seu repertório. Dessa forma, encontra-se carência em literaturas que explorem aspectos constitucionais que residem desde a primeira infância e determinarão as formas do sujeito se relacionar consigo e com o mundo (Tanis, 2021). Isto é, bibliografias que investiguem potencialidades do desenvolvimento simbólico e a inserção das crianças em distintos contextos, sem aniquilar sua subjetividade. Tenciona-se, dessa forma, abertura de espaço para diálogo além do meio acadêmico, que permitam intervenções menos incisivas no repertório da criança com autismo. Em vista disso, a psicanálise atenta-se para as múltiplas causas da dimensão psíquica do quadro, a qual facilita o cuidado das crianças autistas em escolas, clínicas e centros especializados (Ferreira; Vorcaro, 2017).

METODOLOGIA

O desenvolvimento teórico desse trabalho valeu-se dos critérios metodológicos de revisão de literatura, descritos por Hohendorff (2014) como um método qualitativo que busca ordenar, agrupar e investigar determinada problemática. Dessa forma, explora de forma crítica as principais bibliografias, sobretudo evidenciando lacunas no conhecimento pré-existente com a finalidade de promover novas formas de compreender determinado fenômeno. Acrescido a este método, o método psicanalítico, que tem por premissa investigar e interpretar aspectos ainda latentes sobre determinado fenômeno, viabiliza formas de compreensão do sujeito em sua singularidade e totalidade, não descartando que aspectos inconscientes são determinantes para a constituição psíquica do sujeito (Zimmerman, 1999).

DESENVOLVIMENTO

Por décadas a busca em compreender a etiologia do autismo promoveu embates e polarização no meio acadêmico. Do ponto de vista psicanalítico, algumas metáforas emergiram na tentativa de descrever o autismo, almejando nomear substratos da vida psíquica que, por vezes, parecem inapreensíveis (Machado, 2018). Nesse sentido, as tentativas de representar esse mundo abstrato de difícil entendimento, alguns autores conceituaram o autismo de distintas formas buscando ilustrar sua dimensão psíquica. Apesar de Eugen Bleuler ter cunhado o termo esquizofrenia e autismo por não concordar com a terminologia auto-erotismo, empregada por Sigmund Freud, quem inicialmente realiza a primeira descrição de autismo infantil é Leo Kanner, o qual vale-se da metáfora da “tomada desligada” que visa representar a falta presente no autismo, além da clássica definição de “mães geladeira”, conceito que gerou grandes conflitos pelo seu ponto de vista sobre a frieza das mães em relação a seus bebês, a qual foi desconsiderada posteriormente. Kanner, a partir de onze observações clínicas, descreve o autismo como sendo diferente da esquizofrenia infantil, caracterizando-o como afecção psicogênica, composta por dificuldades da criança em manter relação com o mundo externo, se distanciando do que se define por distúrbios precoces, assim como das psicoses infantis (Ferreira; Vorcaro, 2017; Cavalcanti; Rocha, 2015).

Margareth Mahler descreveu uma linguagem diferenciada para caracterizar comportamentos e características do autismo, pontuando o estado de simbiose da criança e sua mãe como “autismo primário normal”. A autora considera que ocorreriam falhas no desenvolvimento habitual da criança, as quais a fariam permanecer nesse estágio, assim como Mahler Bruno Bertelheim equipara o autismo como uma “casca do ovo” (Zimmerman, 1999). Além disso, Bertelheim define o autismo como idealização de uma “fortaleza vazia”, ressaltando a nulidade constituída nesse mundo psíquico. Entretanto, é sustentado sob o conceito “casca do ovo” que Frances Tustin considerou o funcionamento psíquico valendo-se de encapsulamentos e carapaças como mecanismos de proteção contra ameaças advindas do mundo externo. Reafirmando por longa data a metáfora do “buraco negro”, na qual a criança com autismo busca meios de se defender. Para Tustin, a compreensão da separação corpórea do objeto se dá antes de a capacidade de integração psíquica se estabelecer, imprimindo a sensação de aniquilamento, já que a criança entende o objeto como extensão de si próprio (Cavalcanti; Rocha, 2015). Esse vazio e ausência das emoções advindas dessa

sensação de buraco negro pontuadas por Tustin, passa a ser visto, segundo Zimmerman (1999), de forma mais ampliada:

[...] A segunda revelação relativa à existência desses “buracos negros” na constelação psicológica, que começa a ocupar a atenção da moderna psicanálise, é a de que esses estados autísticos não são exclusivos das crianças, mas sim que tais transtornos também são encontrados em certos estados neuróticos de adultos e, mais notadamente, em situações psicopatológicas mais regressivas, como psicoses, borderline, perversões, drogadicções (Zimmerman, 1999, p. 70).

Em vista disso, Tustin defende que esses estados de sofrimento psíquico graves abrangem sujeitos neuróticos, psicóticos e perversos, além de estenderem-se à adultos, não se limitando apenas a infância. Já Donald Meltzer, a partir dos pressupostos de Bruno Bertelheim, sugere a descrição do quadro como uma “folha de papel”, pois seria constituído de ausência de profundidade, ou seja, identidade e subjetividade. Meltzer descreve dois mecanismos, “aniquilação entre o self e o objeto” e “identificação adesiva”, dentre os quais o segundo vale-se da compreensão de que o sujeito transitaria em termos bidimensionais e, nesses parâmetros, demonstra ausência de profundidade, já que se encontra desprovido de interior, em estado de total aniquilamento, fragmentação psíquica e o eu demonstra-se completamente investido no objeto (Cavalcanti; Rocha, 2015).

O rastreamento teórico até o ponto evidenciado já revelava a importância em compreender aspectos conscientes e inconscientes, correlacionando-os a particularidades de cada criança, onde sua história, convergente com aspectos biopsicossociais, influenciam em sua constituição psíquica e em distintas dimensões do sofrimento psíquico. Destarte, as concepções evidenciam transformações paradigmáticas, as quais se iniciam com uma perspectiva mais patologizante ligada à visão psicogênica e evolui teoricamente para a atenção aos múltiplos fatores enquanto determinantes para o desenvolvimento da criança. Dessa forma, crescem as indagações sobre o que permearia sua constituição intersubjetiva. O quadro estaria relacionado a causas neurológicas, fisiológicas, ou ainda, residiriam em um trauma intrauterino advindo da relação com a mãe? Seria cerebral ou psicogênico? Talvez essas indagações e tentativas de nomear o inominável nunca se esgotem, contudo, o fenômeno demanda reformulações que contemplem aspectos do contemporâneo (Grandin; Scariano, 2012).

Nesse passo, segundo Lins e Nóbrega (2024), a ciência, ao buscar um fator etiológico sobre o que desencadearia o quadro de autismo, deixa evidente a ausência de congruência sobre sua natureza, dadas as divergências teóricas entre ser um transtorno neurológico, um fenômeno contemporâneo ou uma estrutura psíquica. Mesmo na psicanálise há distintas visões sobre seu entendimento. Se de um lado há autores que consideram como um estado psíquico, uma manifestação que ocorre em sujeitos neuróticos, psicóticos ou perversos, de outro ainda há perspectivas que o entende como uma quarta estrutura, além das clássicas mencionadas. Ainda se considera outro entendimento que o define como um sintoma nas psicoses; inobstante, essa ausência de congruência gera angústias, predominantemente nos pais. Em função das incertezas etiológicas e variadas formas de tratamento, o quadro de autismo recebe cada vez mais intervenções e tratamentos, os quais estão mais associadas a estratégias de lucro com o sofrimento do que a uma saída para esses estados de sofrimento psíquico graves. A assertiva é evidenciada pela progressão de configurações políticas mais auspiciosas do que o campo da saúde coletiva (Ferreira; Vorcaro, 2017).

Todavia, o entendimento desse trabalho corrobora com a perspectiva traçada por Tavares (2019), que estabelece o autismo como um distúrbio no desenvolvimento decorrente de múltiplos fatores (genéticos, ambientais, sociais e psíquicos), incluindo a interação entre o somático e psíquico. Ademais, dificuldades de integração, essencialmente no que tange ao apego a objetos autísticos, marcam o quadro como ainda mais precoce e primário, onde a integração psíquica dificilmente ocorrerá. Apesar da função dos objetos visar garantir a integração precária do eu, imprimindo dificuldades no desenvolvimento típico, eles tendem a atuar como proteção contra ameaças externas, sendo percebidas como extensão de si, dificultando, assim, a real sensação de separação do objeto.

Nesse sentido, a falha no processo sensorial faz a criança reagir de maneira excessiva ou inibida, manifestando alterações sensoriais, as quais, segundo Pimenta *et al.* (2016), fazem com que as crianças com autismo experienciem o mundo de uma forma diferente, principalmente em relação ao sofrimento e à dor. Essas crianças encontram-se absorvidas pela dor, mas não necessariamente pelo sofrimento, devido a barreiras protetoras proporcionadas pelos objetos autísticos, os quais exprimem maneiras de lidar com a sobrecarga sensorial e as dificuldades de conexão com o ambiente externo. Por um lado, tais objetos as isolam de sentimentos angustiantes

complexos; por outro, são entendidos como extensão da criança, protege-os dos estímulos exógenos tidos como ameaçadores.

Dessa forma, a falha no processo sensorial decorre da dificuldade de diferenciação entre o “eu” e o “não eu”, ocasionando desconexão com a realidade. Consequentemente, essas crianças experienciam o mundo sob um “encapsulamento” que gera entraves em relações com o mundo externo ao prejudicar habilidades psicomotoras e impasses na simbolização, bem como na interação com o outro. Destarte, a diferenciação entre o “eu” e o “não eu” destina-se à possibilidade da criança se diferenciar do ambiente externo; com dificuldades de compreensão corpórea, o estado autístico apresentaria entraves no desenvolvimento simbólico (Taipale, 2023; Pimenta *et al.*, 2016). Ou seja, a perturbação da integração sensorial sucede de uma experiência bidimensional e tátil, caracterizada por uma forma superficial, percepção limitada do mundo, ausência de profundidade e sensação de total aniquilamento, as quais levam o sujeito a experienciar o mundo de forma mais concreta, inviabilizando interações sociais, entendimento do objeto e o desenvolvimento simbólico (Taipale, 2023).

Surgem então indagações sobre o que levaria essas crianças a utilizarem-se de objetos autísticos de forma estereotipada e compulsória e a dificuldade de separação deles. Para tanto, recorreu-se aos pensamentos difundidos por Frances Tustin, autora que explorou amplamente o uso e o estabelecimento de objetos autísticos, como aprofundamento do escopo investigativo que visa suscitar possibilidades de desenvolvimento simbólico diante de manejos, estratégias e construções analíticas que viabilizem a inserção dessas crianças em distintos espaços, sem alterar sua subjetividade. Indaga-se, dessa forma, os desafios intrínsecos a capacidade de simbolização em crianças com autismo e como objetos poderiam representar obstáculos no processo de desenvolvimento dessas crianças ou, ao contrário, contribuir positivamente para a construção de sua subjetividade.

Para a psicanalista Frances Tustin, os objetos autísticos, apesar de protegerem o sujeito contra a dor, são de natureza patológica, pois em sua dimensão impedem o desenvolvimento criativo, assim como estabelecem sensações de aniquilamento e angústias inomináveis. Ou seja, a disponibilidade permanente do objeto como substituto da mãe imprime dificuldades no desenvolvimento simbólico e aprendizado, os quais se refletem nas brincadeiras e desenhos que evidenciam dificuldades imaginativas. Em vista disso, Tustin concebe que as patologias são ocasionadas por

rupturas no desenvolvimento normal, pois presume-se que desde bebê o sujeito adquire integrações de base. Como resultado, surgem impasses em pensamentos abstratos e simbólicos, fundamentais para a linguagem, formação de si e relação com o outro e exploração do mundo externo. Nesse passo, Tustin salienta que o objeto autístico é precursor do objeto transicional, concebendo que o objeto autístico se sustentaria no transicional em um curso esperado do desenvolvimento (Maleval, 2017; Ferreira; Abrão, 2015).

Logo, alicerçado no pensamento de Donald Woods Winnicott (1951/2021), os objetos e fenômenos transicionais apresentariam aspectos ilusórios fundamentais ao desenvolvimento inicial e aquisições simbólicas do bebê, os quais surgem como intermediários entre o mundo interno (fantasias) e o mundo externo (realidade) pela adaptação materna frente as suas necessidades. Assim, o bebê aprende a lidar com a ausência da mãe por meio de objetos como brinquedos ou roupas específicas, mantinhas, objetos de pelúcia, chupetas, permitindo que a ausência da mãe seja sentida de forma menos aterrorizante. Ademais, os objetos transicionais, ao viabilizarem espaço para o desenvolvimento simbólico, criação de narrativas e capacidade imaginativa, estruturam o sujeito na construção de si, na relação com outros sujeitos e objetos. Outrossim, zona intermediária da experiência, que não é exclusivamente definida como realidade interna ou externa, são base para as primeiras experiências da criança e continuam predominantes ao longo da vida, manifestando-se em atividades ligadas à cultura, arte, religião e criatividade. Sendo assim, ocorre um desvinculamento progressivo dos objetos transicionais conforme o bebê se desenvolve, sendo estes substituídos por predileções socioculturais.

Entretanto, de acordo com Maleval (2017), os objetos autísticos têm por propósito proteção contra a perda, diferentemente dos objetos transicionais, pois estes não são compreendidos como substitutos, antes, transmitem uma sensação aterrorizante contra um buraco negro. Aliás, dificultam o desenvolvimento da consciência da separação corporal que passam a ser vivenciados como Eu, uma extensão de si, com o objetivo de impedir sensação de aniquilamento, bem como anular percepções externas. Nesse ponto, a forma com que os “objetos sensação”, definição cunhada por Tustin, são utilizados pela criança não representam as suas reais finalidades; por exemplo, chaves não serviriam para abrir portas ou carrinhos de brinquedo para brincar, já que o que importa é a sensação empregada de dureza, firmeza, que levam à sensação de segurança ao protegerem a criança do "não-eu".

Ainda, constata-se que a troca desses objetos é facilmente aceita pelas crianças (Taipale, 2023).

Perante o exposto, foi possível apreender que as dificuldades de simbolização e atividades lúdicas estão relacionadas à desconexão sensorial e apego aos objetos que, apesar de se manifestarem enquanto formas de proteção, imprimem um caráter patológico, o qual poderia ser minimizado caso fosse ofertada para a criança meios dela adentrar no mundo simbólico. Sob esse viés, a psicanálise destaca a importância pluralista para o tratamento de crianças com autismo. O trabalho psicoterapêutico voltado às crianças autistas se constrói a partir da relação de confiança entre o psicólogo e a criança, o que demanda do profissional disponibilidade emocional significativa e sensibilidade para conhecer e perceber as particularidades do estado psíquico da criança, as quais estão para além da soma de sintomas, mas que se correlacionam a afetos, angústias, emoções subjetivas (Santos; Machado; Domingues, 2020; Tavares, 2019). Para tanto, psicólogo é aquele que visa criar meios para a transformação do objeto autístico, segundo (Tavares, 2019, p. 77): “O analista pode ser aquele que, valendo-se de sua disposição lúdica, transforma o objeto autístico em objeto tutor, injetando histórias, cantigas, brincar compartilhado”, isto é, ao viabilizar conexão com o mundo externo, tenciona gradualmente a integração da realidade, a qual pode ser facilitada por meio de músicas, brincadeiras lúdicas e elementos da história que estarão correlacionados às próprias experiências e aquisições que o sujeito já adquiriu em seu repertório, visando a continuidade de sua constituição subjetiva (Tavares, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso dessa investigação, buscou-se compreender o que permearia a constituição subjetiva da criança com autismo. Para tanto, valeu-se do rastreamento histórico que se apresentou dinâmico e atravessado por distintas perspectivas ao tentar nomeá-los sob formas de metáforas, com a finalidade de sua compreensão. Diante disso, constatou-se a importância em compreender o quadro em sua totalidade, pois o que permearia a constituição psíquica desses sujeitos estaria correlacionado a múltiplos fatores que se estendem do biológico ao social, abrangendo, sobretudo, aspectos psíquicos, os quais são intrínsecos à história de vida e estabelecidos desde as integrações de bases ocorridas na infância, entendidas, portanto, como determinantes ao longo da vida do sujeito. Consequentemente, o escopo investigativo

inquiriu se o desenvolvimento simbólico pode ser facilitado mediante estratégias analíticas que viabilizem esses sujeitos entrarem no mundo simbólico, atentando-se para o uso indiscriminado dos objetos autísticos, os quais constatou-se dificultarem o processo de desenvolvimento e apropriação simbólica por apresentarem formas de mecanismos de proteção, os quais interferem no desenvolvimento típico, implicando em impasses na linguagem, formação de si, relação com o outro, com os objetos e exploração do mundo externo. Desse modo, mediante a forma singular desses sujeitos, a psicanálise atenta-se à constituição subjetiva como possibilidade de construir distintas formas desse sujeito se relacionar com o mundo que não os aniquilem, antes, promovam qualidade de vida. Em última análise, as estratégias no decurso analítico que visam inserção do repertório simbólico a partir das apropriações já adquiridas por esses sujeitos, permitem que eles se conectem de formas mais genuínas com o mundo externo.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, A. E., ROCHA, P. S. (2001). **Autismo construções e desconstruções**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FERREIRA, J. A.; ABRÃO, J. L. F. **Frances Tustin: nomeando o inominável**. São Paulo: Zagodoni, 2015

FERREIRA, T.; VORCARO, A. **Tratamento psicanalítico de crianças autistas**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2014.

GRANDIN, T; SCARIANO, M. M. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. 1.ed. São Paulo: Editora das Letrinhas, 2012.

HOENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOENDORFF, J. V. **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2014.

LINS, E.; NÓBREGA, K. M. B. da. Desafios e impasses na clínica com o autismo: uma leitura psicanalítica. **Estilos da Clínica**, v. 29, n. 2, p. 185-199, 2024.

MACHADO, L. V. Autismo, Psicanálise e prevenção: do que se trata?. **Estilos clín.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 114-129, abr. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282018000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MALEVAL, Jean-Claude. **O autista e a sua voz**. Tradução Paulo Sérgio de Souza Junior. São Paulo: Blucher, 2017.

MARCELLI, D.; COHEN, D. **Infância e psicopatologia**. Porto Alegre: Grupo A, 2010.

MARFINATI, A. C. ABRÃO, J. L. F. **Autismos e psicanálise brasileira: práticas e reflexões**. 1. ed. São Paulo: Appris, 2021.

PIMENTA, P. R. SANTIAGO, J. SANTIAGO, A. L. Harmfulness of the autistic object to its indispensability for autism clinically in psychoanalysis. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 19, p. 339-356, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982016002013>>. Acesso em: 14 jan. 2024.

SANTOS, J., MACHADO, L. V., DOMINGUES, E. Um olhar psicanalítico acerca do autismo: revisão bibliográfica. **Estilos da Clínica**, v.25, n.2, p.322-338., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2p322-338>. Acesso em: 08 set. 2024.

TAIPALE, J. Caught on the surface: Tustin on autistic experience. **Frontiers in Psychology**, v. 14, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1243310>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

TANIS, B. **O infantil na psicanálise: Memória e temporalidades**. São Paulo: Editora Blucher, 2021.

TAVARES, T. A. **O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo**. São Paulo: Blucher, 2019.

WINNICOTT, D. W. [1896-1971]. **O brincar e a realidade**. tradução Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Autism**. Geneva, 2023. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>>. Acesso em: 04 set. 2024

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: ed. Artmed, 1999.